



**Energis II** | A compra dos activos de energia eólica pelo investidor privado Manuel Serzedelo foi uma das maiores operações montadas no ano passado pelos bancos de investimento nacionais.

## FINANCIAMENTO

# Bancos de investimento apostam na internacionalização

Seguindo o caminho das empresas portuguesas, bancos querem crescer em países como o Brasil

**RAQUEL GODINHO**  
rgodinho@negocios.pt

Os bancos de investimento testemunharam as dificuldades sentidas pelas empresas nos últimos dois anos. Em 2009, muitas vezes, a frustração foi o resultado final dos processos iniciados pelos bancos de investimento. Mas, para 2010, a palavra de ordem é recuperação e, como tal, mais receitas desta área para a banca de investimento.

"2009 foi um ano difícil, não só porque houve um menor número de transações, mas também porque o grau de sucesso dessas transações foi muito reduzido", expli-

cou ao **Negócios** Vasco Pinto Ferreira, administrador do Banif Investment Bank. Também Jorge Cardoso assistiu a esta evolução. O administrador do Caixa Banco de Investimento qualificou os primeiros seis meses de 2009 de "muito difíceis", nomeadamente no que diz respeito à obtenção do financiamento.

Apesar de terem surgido alguns processos de assessoria em fusões e aquisições, os bancos de investimento contactados pelo **Negócios** afirmam que o grau de concretização desses mesmos processos foi diminuindo, por todas as barreiras enfrentadas. O tema do crédito e

também as nuvens negras da economia mundial aumentaram as incertezas dos compradores, que se sentiram pouco confortáveis a tomar decisões de investimento e assumir riscos.

Esta conjuntura acabou por fazer crescer um diferencial entre as expectativas de vendedores e compradores, uma circunstância que impediu a conclusão de algumas transações. Os compradores tiveram que incluir nas suas análises um custo superior do financiamento.

Contudo, para este ano, espera-se a inversão desta tendência, motivada pela reabertura do mercado

crédito e pela retoma da economia. A recuperação terá consequências positivas na banca de investimento que participa na montagem destas complexas operações. "A maior dinâmica do mercado registada nos últimos meses deixa antever um incremento da actividade de fusões e aquisições e, por inerência, do respectivo volume de receitas", afirmou Marco Casqueiro, director de "Corporate Finance" do Santander.

Uma expectativa de que comungam os administradores do Banif Investment Bank e do Caixa BI. "Temos uma expectativa orçamental melhor que a expectativa de 2009", revelou Vasco Pinto Fer-

reira. O administrador do Banif Investment Bank acrescenta a percepção de um maior dinamismo por parte dos clientes no início de ano.

Para fazer crescer a sua área de fusões e aquisições, os bancos de investimento nacionais têm apostado na internacionalização. Espanha e Brasil são os mercados onde a presença é mais significativa, mas também começa a surgir a aposta nos mercados emergentes. "O crescimento do negócio de F&A em Portugal dever-se-á fazer pelo acompanhamento dos movimentos das empresas portuguesas no exterior", acredita Marco Casqueiro.



Pawel Koczymyski/Reuters



**CITAÇÕES**



Jorge Cardoso, administrador do Caixa BI, revelou as dificuldades sentidas ao longo de 2009.

**Os primeiros seis meses de 2009 foram muito difíceis, designadamente no tema do crédito.**

**JORGE CARDOSO**  
Administrador do Caixa BI



Marco Casqueiro, director de "Corporate Finance" do Santander, espera mais actividade.

**A maior dinâmica do mercado nos últimos meses deixa antever um incremento da actividade.**

**MARCO CASQUEIRO**  
Director de "Corporate Finance" do Santander



Vasco Pinto Ferreira, administrador do Banif, está optimista para a evolução de 2010.

**Temos uma expectativa orçamental melhor do que a de 2009.**

**VASCO PINTO FERREIRA**  
Administrador do Banif Investment Bank

**O crescimento passará por acompanhar os movimentos das empresas portuguesas no exterior**

**MARCO CASQUEIRO**  
Director de "Corporate Finance" do Santander

**FUNDOS**

**Capital de risco diz estar preparado para mais negócio**

**ALEXANDRA MACHADO**  
amachado@negocios.pt

As capitais de risco garantem que não é por falta de liquidez que não investem. Por isso, acreditam que 2010 poderá ser um bom ano em negócios realizados.

Nos últimos dois anos, o capital de risco sofreu também os efeitos da crise financeira. Mas para Portugal foram dos melhores anos em volumes investidos. E o capital de risco português conseguiu levantar fundos para investimentos futuros. "Temos os meios financeiros e humanos", garantiu João Talone, director-geral da Magnum Capital, avançando a estratégia da sociedade: "somos positivos e tudo acaba por acontecer com muito trabalho e rigor".

Também a Explorer Investments lembra que está a levantar um terceiro fundo e "espera efectuar o primeiro investimento já em 2010", disse, em declarações escritas ao **Negócios**, David Calém Ferreira, analista da sociedade, esclarecendo de que modo se actua na empresa: "recorremos frequentemente a dívida e esperamos continuar a fazê-lo nas operações futuras". A dívida é uma das questões que pode delimitar a concretização dos negócios, lembra Paulo Caetano, secretário-geral da Associação Portuguesa de Capital de Risco (APCRI). Mas, o menor custo ac-

tual da dívida pode motivar um maior número de operações.

O capital de risco pode impulsionar os processos de fusões e aquisições. Francisco Brito e Abreu, sócio da Uriá Menéndez, uma sociedade de advocacia, acredita que "haverá, este ano, novamente uma presença mais activa do capital de risco no mercado", entidades que, segundo outro advogado, Nelson Raposo Bernardo, no ano passado tiveram menor intervenção.

A projecção de que este ano haverá um aumento no número de operações é consensual. "Há já muita movimentação", revela Paulo Caetano, que mantém, no entanto, a expectativa sobre se esses movimentos se transformarão em negócios. "A grande questão para 2010 prende-se com o perceber se a retoma é sustentada ou meramente uma reposição de 'stocks'. Se não for sustentada, vai continuar a ser difícil chegar a acordo relativamente à valorização das empresas", diz o responsável da Explorer, lembrando que em 2009 a disparidade entre estes dois valores (o do vendedor e o do comprador) condicionou algumas operações.

João Talone assegura que está "atento às oportunidades" e David Calém Ferreira admite que o excesso de oferta e o ajustamento na percepção dos accionistas podem impulsionar as operações.



David Calém Ferreira, analista da Explorer Investments, espera um 2010 dinâmico.

**A questão para 2010 é perceber se a retoma é sustentada ou só uma reposição de "stocks".**

**DAVID CALÉM FERREIRA**



João Talone, director-geral da Magnum Capital, diz ter os meios financeiros necessários.

**CRÉDITO**

**Troca de activos é alternativa ao financiamento**

O financiamento é parte essencial na concretização das operações de fusão e aquisição (F&A). As dificuldades de acesso ao crédito foram um dos principais motivos a justificar a forte queda nestas operações. E revelaram aos compradores a necessidade de procurar alternativas às tradicionais formas de financiamento. Ainda que o mercado de crédito comece a revelar sinais de melhoria.

Muitas foram as mudanças provocadas pela crise financeira. A turbulência dos mercados financeiros provocou um aumento significativo da desconfiança dos agentes de mercado, o que acabou por obrigar as instituições financeiras a tornarem-se mais selectivas, rigorosas e criteriosas na concessão de crédito. Uma mudança de atitude que implicou grandes dificuldades de financiamento para as empresas.

Encontrada esta barreira, como podem as empresas concretizar a operação? Os bancos de investi-

mento contactados pelo **Negócios** sublinham a necessidade dos investidores estarem abertos a novas formas de financiamento que possam substituir as tradicionais. "Há várias formas de concretizar uma transacção, não necessariamente apenas por uma compra e venda pura e simples, em pagamento de 'cash'", frisou Vasco Pinto Ferreira, administrador do Banif Investment Bank.

Também Jorge Cardoso, administrador do Caixa BI, defende que as empresas terão que "estar abertas a fazer aquisições de uma forma um pouco diferente, designadamente muitas vezes aceitando fazer parcerias com fornecedores de capital alternativos ao passivo financeiro 'standard'".

Uma das alternativas, que ganhou peso no decorrer da crise, prende-se com a troca de participações e de activos. "Em situações de maior incerteza, as operações envolvendo acções ou troca de participa-

ções são mais populares, na medida em que é uma forma de partilhar o risco entre o comprador e o vendedor", explicou o responsável do Banif.

Marco Casqueiro, director de "Corporate Finance" do Santander admite a troca de activos como uma alternativa, "principalmente num momento em que ainda não está totalmente consolidada a retoma económica, e em que as condições de financiamento ainda são restritivas". Pode, então, assistir-se, no médio prazo, um peso importante das parcerias/aquisições conjuntas e de troca de activos.

Por outro lado, o valor médio das operações desceu significativamente nos últimos anos. Agora antecipa-se uma melhoria, mas gradual, antes de ser regressar aos níveis anteriores à crise. "O valor vai aumentar gradualmente, em estreita sintonia também com o conforto que as empresas e os investidores tenham da realidade económica", destacou Vasco Pinto Ferreira. **RG**